UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ANTÔNIO GARCIA FILHO
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL-DTOL
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

BRENDA BELMIRA TELES MONTEIRO

CAMILA VALÉRIA DOS SANTOS

Brincar e a Terapia Ocupacional

Lagarto
2022

BRINCAR E A TERAPIA OCUPACIONAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Taís Bracher Annoroso Soares

Lagarto Sergipe
2022

RESUMO

A infancia é uma fase importante da vida onde a criança irá aprender, se desenvolver e evoluir, é através da ação do brincar que as crianças vão compreender o mundo e aperfeiçoar diversos aspectos como: questões emocionais, psicomotoras, sociais e cognitivas. **Objetivo:** Compreender a relação do brincar e a Terapia Ocupacional. **Método:** trata-se de uma revisão integrativa da leitura que tem por finalidade reunir resultados e sintetizar sobre as pesquisas acerca do determinado tema, contribuindo para o conhecimento da área no qual se refere o tema brincar e a Terapia Ocupacional. **Resultados:** foram revisados 16 artigos, onde encontramos 3 núcleos de sentido, sendo eles: definição do brincar; Avaliações, testes e protocolos do brincar; e o brincar e a terapia ocupacional. **Conclusão:** indica que não temos uma só definição do brincar, e diversos autores e artigos trazendo suas definições, relevantes, Além de que a forma como o brincar é utilizado em terapia não influencia em sua importância e que cada profissional, a partir da necessidade do paciente/cliente, vai adaptar em sua pratica.

Palavras-Chave: Criança; Terapia Ocupacional; Jogos e Brinquedos.

ABSTRACT

Childhood is an important phase of life where the child will learn, develop and evolve, it is through the action of play that children will understand the world and improve various aspects such as: emotional, psychomotor, social and cognitive issues. Objective: To understand the relationship between play and Occupational Therapy. Method: this is an integrative review of reading that aims to gather results and synthesize research on a given topic, contributing to the knowledge of the area in which the topic of play and Occupational Therapy refers. Results: 16 articles were reviewed, where we found 3 cores of meaning, namely: definition of play; Play assessments, tests and protocols; and play and occupational therapy. Conclusion: it indicates that we do not have a single definition of play, and several authors and articles bringing their relevant definitions, In addition to the fact that the way in which playing is used in therapy does not influence its importance and that each professional, based on the need of the patient/client, will adapt in their practice.

Key words: Child; Occupational therapy; Games and Toys.

INTRODUÇÃO

O brincar é tema de diversos estudos que envolvem diferentes disciplinas não somente a Terapia Ocupacional, como outras profissões (psicologia, pedagogia), sendo perceptível que alguns estudos trazem a relação brincar com a Terapia Ocupacional.

O Terapeuta Ocupacional é um profissional essencial para o processo do desenvolvimento da criança através do brincar, entendendo a atividade humana por instrumento essencial, utilizado na prática, sendo o elemento centralizador e fundamental para o processo terapêutico (Lima, 2011)

E refletindo na sua relação com brincar, o brincar para a Terapia Ocupacional é uma atividade que se torna fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem da criança pois é através desse brincar que a criança poderá se desenvolver em diversos aspectos da sua vida desde questões motoras, sensoriais, emocionais, sociais dentre outros aspectos que fazem parte da vida do ser humano.

Segundo Medeiros (2017) o brincar é uma atividade que ocorre em estado total da presença, a criança tem total liberdade para escolher seus parceiros, elas recriam regras, conseguem transformar espaços e exercem a sua liberdade, a partir do momento que decidem entrar e decidem sair da brincadeira e usar das suas próprias regras.

Na utilização do brincar pela Terapia Ocupacional existem diversas propostas, uma das principais é o uso de atividades lúdicas (Ferland, 2006), mas essas atividades não servem somente como recurso para este processo terapêutico, mas sim como uma interação voltada para as crianças dentro da subjetividade de cada um com a sua realidade.

Entende-se que brincar é um direito universal de toda criança, inclusive a sua importância é reconhecida e consta na Declaração Universal Dos Direitos Da Criança, (ONU, 2008).

Pensando na relação entre brincar e a Terapia Ocupacional, Reis e Rezende (2007) trazem que o brincar faz parte das áreas de intervenção da Terapia Ocupacional. É importante considerar todos os fatores, tanto negativos quanto positivos, no papel do brincante pois auxiliará no desenvolvimento global da criança.

Outro autor que traz uma definição interessante sobre o brincar é Ferland (2006) expressando que é a partir da brincadeira que a criança vai fazer as suas conexões com os familiares e que é compreendido não somente como um simples comportamento e sim por uma ação.

Pensando em tempos atuais Vectore (2003) relata que o espaço do brincar da criança pode ser afetado cada vez mais diante das mudanças no mundo, a não disposição da família em participar do momento do brincar, o ritmo acelerado das pessoas, tecnologias do mundo moderno, e o mesmo tempo o autor sugere que pais criem estratégias para que os seus filhos tenham o máximo de oportunidade para brincar, explorar o máximo esses momentos e vivenciar o brincar nas suas diferentes formas.

Um autor que enfatiza muito o brincar em Terapia Ocupacional é Ferland (2006), ressaltando que existe duas vertentes: atualização por meio do brincar, brincar de forma ampla.

A primeira vertente trata da atualização do brincar na Terapia Ocupacional, um em que os terapeutas utilizam o brincar como um instrumento para despertar o interesse da criança em relação a terapia, utilizando o brincar como estratégia de aproximação associada a um determinado método de tratamento, (Ferland, 2006).

A segunda vertente na qual se refere ao brincar de uma forma mais ampla que os Terapeutas Ocupacionais utilizam brincar além da dimensão da atividade; onde os objetivos de longo prazo eles variam, mas vão estar relacionado voltado a qualidade de vida e sobre a funcionalidade e autonomia da própria criança. É notório, que diversos autores trazem brincar com conceito de lúdico, livre, espontâneo, fundamental e inerente para o desenvolvimento da criança em diversos aspectos, (Ferland, 2006).

3. METODOLOGIA

Este capítulo pretende apresentar o caminho metodológico empreendido pelas pesquisadoras para responder a pergunta de pesquisa e seus objetivos.

3.1 Objetivos

3.1.1 Objetivo Geral:

- Compreender a relação do Brincar e a Terapia Ocupacional.

3.1.2 Objetivos Específicos:

- Compreender a definição de brincar
- Investigar como o brincar é utilizado na Terapia Ocupacional.

3.2 Método

A revisão integrativa da literatura é um dos métodos de pesquisa utilizados na Prática Baseada em Evidências que permite a incorporação dos resultados deste tipo de estudo na prática clínica (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008). Esse método tem a finalidade de reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um delimitado tema ou questão, de maneira sistemática e ordenada, com o objetivo de obter um profundo entendimento de um determinado fenômeno baseando-se em estudos anteriores (BROOME, 2000).

Diante dos métodos de revisão, a revisão integrativa é a mais ampla, pois permite a inserção de pesquisa experimental e quase experimental e a combinação de dados de literatura teórica e empírica, permitindo uma compreensão ampla do tema abordado e uma revisão com diversas finalidades, ou seja, ela pode ser direcionada para a definição de conceitos, a revisão de teorias ou a análise metodológica dos estudos incluídos de um tópico particular, (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Para elaboração desta revisão integrativa, seguiu-se as etapas estabelecidas por Mendes; Silveira; Galvão (2008):

1º) Definição da pergunta norteadora: Qual a relação do Brincar e a Terapia Ocupacional?

2º) Realização da busca para identificar e coletar o máximo de pesquisas primárias relevantes dentro dos critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos (BEYEA; NICOLL, 1998);

Foram definidos por critérios de inclusão : Todos artigos que tenham relação do brincar e Terapia Ocupacional.

Foram definidos por critérios de exclusão: Artigos que não trazem relação do Brincar com a Terapia Ocupacional, artigos que trazem relação do brincar com outras profissões.

Considerando a especificidade do tema, optou-se pelo levantamento de dados unicamente nas revistas de Terapia Ocupacional vigentes no território brasileiro, sendo elas :Cadernos da Terapia Ocupacional, Scielo, Revista de Terapia Ocupacional da USP, Revisbrato.

3º) Análise crítica dos critérios e métodos empregados nos vários estudos selecionados para determinar se são válidos metodologicamente;

Essa analise foi empreendida por ambas as pesquisadoras, com leituras dos titulos, seguido da leitura dos resumos e dos artigos completos;

4º) Avaliação de maneira sistemática dos estudos selecionados;

Seguida do fichamento dos textos e alocação dos mesmos nos núcleos de sentido que serão melhor descritos na discussão. Não foi utilizado nenhum instrumento.

5º) Interpretação e síntese dos dados (ARMSTRONG; BORTZ, 2001)

Serão apresentados detalhadamente na discussão.

6º) Conclusões/ Apresentação da Revisão integrativa.

Serão apresentados detalhadamente na conclusão.

3.1. DESENHO DO ESTUDO

O estudo realizado consiste em uma revisão integrativa da literatura científica.

3.2. ETAPAS DO ESTUDO

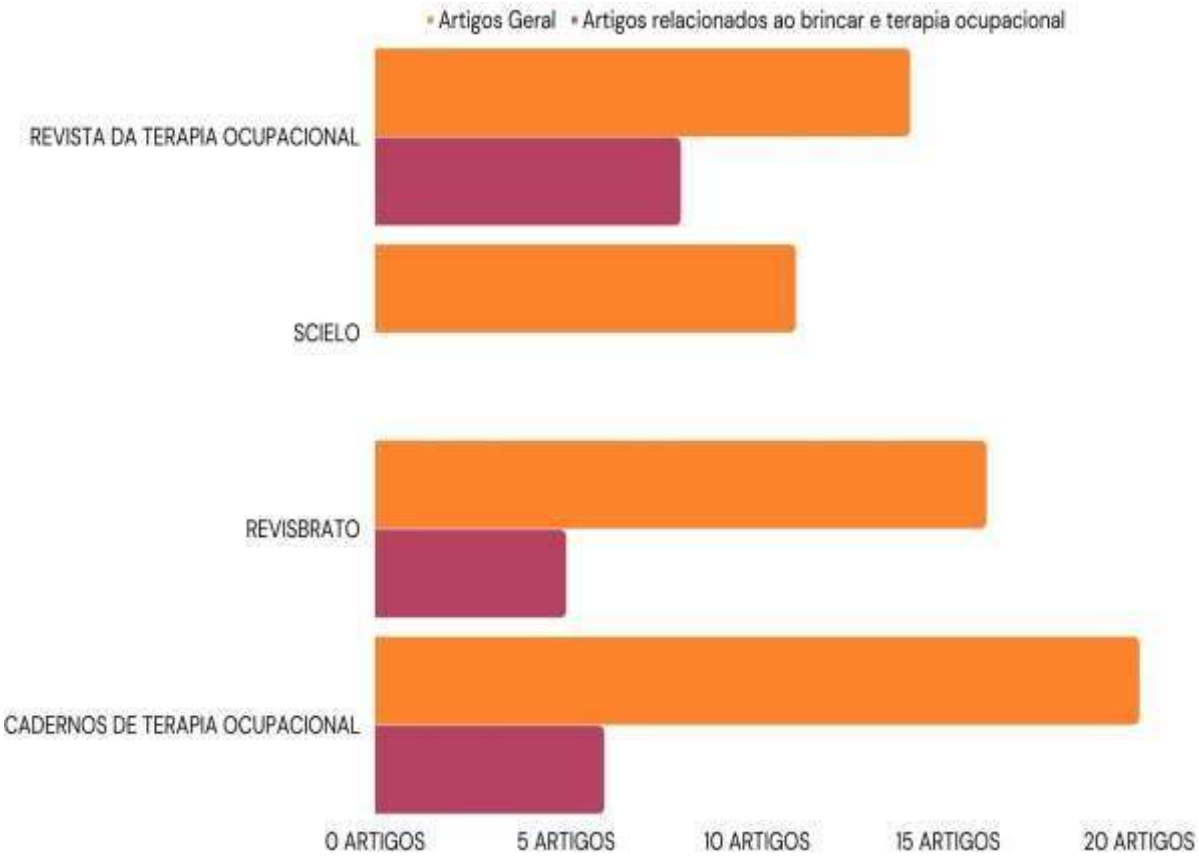
3.2.1. Questão norteadora

Para direcionar o estudo buscou-se responder a seguinte pergunta norteadora: O que é o brincar para Terapia Ocupacional?

3.2.2 Coleta de dados

3.2.2.1 Fontes de busca de dados

As bases utilizadas são revistas eletrônicas de terapia ocupacional, onde realizada a busca dos materiais no período de dezembro de 2020 a janeiro de 2021, utilizando os descritores: Brincar and Terapia Ocupacional; no total foram contabilizadas: 60 artigos, sendo encontrados na Revista de Terapia Ocupacional da USP 14 artigos, na plataforma Scielo foram encontrados 11 artigos, na Revisbrato foram encontrados 15 artigos, nos Cadernos de Terapia Ocupacional foram encontrados 20.



Aplicados os critérios de inclusão e exclusão foram selecionados para leitura no total: 16 artigos, sendo descriminados para leitura da Revista de Terapia Ocupacional da USP: 5 artigos, na Scielo, não foi selecionado nenhum artigo, justificada pela triagem nos critérios de exclusão. Revisbrato: 4 artigos e nos Cadernos de Terapia Ocupacional: 6 artigos.

4.0 Resultados

Quadro de artigos

	BASES DE DADOS UTILIZADAS	
14 ARTIGOS	REVISTA DA TERAPIA OCUPACIONAL –	ARTIGOS RELACIONADOS AO BRINCAR E TERAPIA OCUPACIONAL : TOTAL 5
11 ARTIGOS	SCIELO	NENHUM ARTIGO RELACIONADO AO BRINCAR COM A TERAPIA OCUPACIONAL
15 ARTIGOS	REVISBRATO	ARTIGOS RELACIONADOS AO BRINCAR E A TERAPIA OCUPACIONAL : TOTAL: 4
20 ARTIGOS	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL	ARTIGOS RELACIONADOS AO BRINCAR E A TERAPIA OCUPACIONAL. TOTAL: 6

BASES DE DADOS / ARTIGOS SELECIONADOS

REVISTA DA TERAPIA OCUPACIONAL USP

AOKI, Marta; OLIVER, Fátima Corrêa; NICOLAU, Stella Maris. Pelo direito de brincar: conhecendo a infância e potencializando a ação da terapia ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 17, n. 2, p. 57-63, 2006.

DEJOURS, Christophe; DE OLIVEIRA BARROS, Juliana; LANCMAN, Selma. A centralidade do trabalho para a construção da saúde. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 27, n. 2, p. 228-235, 2016.

MIETO, Fernanda Stella Risseto; BRUNELLO, Maria Inês Britto; DA SILVA, Carolina Donato. Procedimentos de avaliação da qualidade do brincar na prática da terapia ocupacional: um estudo exploratório. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 24, n. 2, p. 95-102, 2013.

DE CAMPOS, Stéfanny Maria Santana; GARCIA, Luara Engracia; PFEIFER, Luzia Iara. O brincar de faz de conta como ferramenta na expressão do imaginário de crianças em tratamento quimioterápico hospitalizadas. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 30, n. 2, p. 140-147, 2019.

TEIXEIRA, Natali Machado Pena et al. Desenvolvimento neuropsicomotor e o brincar de crianças em uma Unidade de Educação Infantil. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 30, n. 2, p. 116-123, 2019.

SCIELO

NENHUM ARTIGO RELACIONADO AO BRINCAR COM A TERAPIA OCUPACIONAL

REVISBRATO

DA SILVA, Geniele Severiano; BUFFONE, Flávia Regina Ribeiro Cavalcante. O brincar para a criança com transtorno do espectro autista (TEA): possibilidade de intervenção da terapia ocupacional/Playing child with Autistic Spectrum Disorder (ASD): possibility of occupational therapy intervention. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO**, v. 5, n. 2, p. 188-203.

RODRIGUES, Abida Amoglia; ALBUQUERQUE, Valéria Barroso. O Brincar e o cuidar: o olhar do terapeuta ocupacional sobre o comportamento lúdico de crianças em internação prolongada/The playing and caring: the look of occupational therapy on the playful behavior of children in prolonged hospitalization. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO**, v. 4, n. 1, p. 27-42, 2019.

DELLA BARBA, Patrícia Carla de Souza; SILVA, Ana Flávia Rodrigues; SANTA'ANNA, Maria Madalena Moraes. A percepção do cuidador sobre o brincar da criança com paralisia cerebral no contexto da terapia ocupacional. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO**, v. 1, n. 1, p. 28-39, 2017.

VIEIRA, Sofia Régis; CAZEIRO, Ana Paula Martins. Análise de jogos e brincadeiras para o contexto hospitalar/Analysis of games and play activities for the hospital context. **Revista Interinstitucional Brasileira de**

Terapia Ocupacional-REVISBRATO, v. 1, n. 2, p. 127-148, 2017.

CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL

DA SILVA SOUZA, Daniele; DE FIGUEIREDO, Brenda Antunes; DA SILVA, Ângela Cristina Dornelas. O brincar de crianças com deficiência física sob a perspectiva dos pais/The play of children with disabilities from the perspective of parents. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 25, n. 2, 2017.

FONSÊCA, Maria Eduarda Diniz; DA SILVA, Ângela Cristina Dornelas. Concepções e uso do brincar na prática clínica de terapeutas ocupacionais/Conceptions and use of play in occupational therapists clinical practice. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 23, n. 3, 2015.

DE CAMPOS, Sara Domiciano Franco et al. O brincar para o desenvolvimento do esquema corporal, orientação espacial e temporal: análise de uma intervenção/Play for the development of body schema and spatial and temporal orientation: analysis of an intervention. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 25, n. 2, 2017.

TAKATORI, Marisa; BOMTEMPO, Edda; BENETTON, Maria José. O brincar e a criança com deficiência física: a construção inicial de uma história em terapia ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 9, n. 2, 2010.

ZEN, CAMILA CRISTIANE; OMAIRI, CLAUDIA. O modelo lúdico: uma nova visão do brincar para a terapia ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 17, n. 1, 2009.

JOAQUIM, Regina Helena Vitale Torkomian; DA SILVA, Fernanda Rodrigues; LOURENÇO, Gerusa Ferreira. O faz de conta e as brincadeiras como estratégia de intervenção para uma criança com atraso no desenvolvimento infantil/The make-believe and games as an intervention strategy for an infant with delay in child development. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 1, 2018

5. DISCUSSÃO

O presente estudo selecionou informações sobre o conhecimento científico da importância do brincar em Terapia Ocupacional sendo os resultados desta revisão apresentados sob a ótica dos seguintes núcleos de sentido: definição do brincar; avaliação do brincar; e brincar e Terapia Ocupacional.

Observamos inicialmente a maior abordagem no núcleo de sentido 1, com o maior número de referências e concepções, apresentados tanto no início do artigo como nas discussões de seus resultados, ampliando essas definições. Destacamos que o modelo lúdico foi o mais mencionado (5 artigos), seguidos por Winnicott (2 artigos)

O brincar foi e ainda é tema de diversas pesquisas e estudos envolvendo diferentes disciplinas, como Psicologia, Antropologia, Terapia Ocupacional, e outras profissões (FERLAND, 2006) e (CAOT,1996). Assim sendo o brincar um tema com diversa literatura. Devido a essa afirmação, (CRUZ; EMMEL, 2007) relatam que é conhecida por todos a importância do brincar para a criança e o seu desenvolvimento, no entanto a sua definição é bastante discutida entre os pesquisadores.

5.1 Definição de brincar

Ferland define o brincar como:

> Uma atitude subjetiva em que o prazer, a curiosidade, o senso de humor e a espontaneidade se tocam; tal atitude se traduz por uma conduta escolhida livremente, da qual não se espera nenhum rendimento específico. (2006, p.45)

A mesma autora propõe a capacidade de experimentar o prazer, a descoberta, o domínio, a criatividade e a expressão, auxiliando assim no desenvolvimento da criança. O prazer, que o brincar traz para a criança, é fundamental nessa perspectiva, pois é uma característica da atividade lúdica.

Ainda de acordo com Ferland (2006), o Modelo Lúdico originou-se a partir do interesse em estudar e redescobrir o potencial terapêutico e de

abordagem, na criança, através do brincar, um domínio que lhe é próprio. O modelo propõe usar regularmente o brincar na prática da Terapia Ocupacional.

Assim, o objetivo do mesmo é fazer do brincar um objetivo para o tratamento da Terapia Ocupacional, desenvolvendo e mantendo uma atitude lúdica na criança.

Segundo Winnicott (1975), brincar está além da diversão: "a característica do brincar é o prazer", mas esta atividade só dará prazer se tiver significado. O brincar não deve focalizar apenas o brinquedo em si, o objeto ou a atividade realizada pela criança e sim, a representatividade da atividade e da brincadeira.

Na perspectiva de Winnicott, (1975), o brincar possibilita à criança quebrar barreiras da realidade, viver uma experiência, é uma forma de "viver", "transitando" entre o subjetivo e o objetivo. Essa mesma experiência vai ser adjetivada, ou seja, tem qualidade.

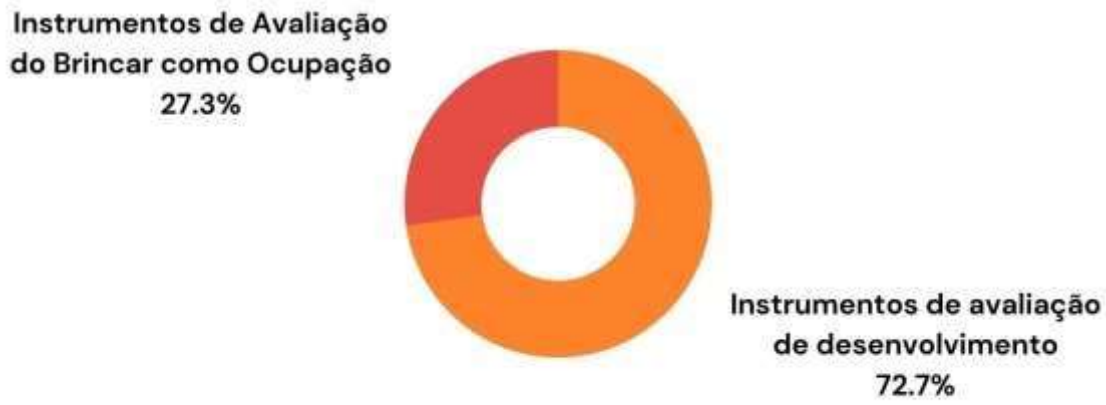
A AOTA (Associação Americana de Terapia Ocupacional), diz que o brincar é: Qualquer atividade espontânea ou organizada que proporciona prazer, diversão, distração, divertimento ou entretenimento (Parham & Fazio, 1997, p 252.). Nela, o brincar faz parte das ocupações, que são domínio da Terapia Ocupacional, sendo uma área em que o profissional pode trabalhar como recurso ou finalidade, depende da abordagem e objetivo terapêutico.

As definições, encontradas nos artigos estudados, apresentadas acima, traz o brincar de diversas formas, mas em comum que o brincar tem que ser prazeroso para a criança. Além de que é fundamental para as crianças desenvolverem e aprimorarem vários aspectos, tais como: esquema corporal, lateralidade, coordenação motora global, coordenação motora fina, orientação espacial, orientação temporal e ritmo (Emmel e Figueiredo 2011).

5.2 Avaliação do brincar

Outro núcleo de sentido é em relação aos protocolos, testes e instrumentos utilizados para avaliação do brincar, encontrado em 6, dos 16 artigos selecionados. Duas vertentes são identificadas nos textos: instrumentos

que utilizam o brincar para avaliação de um atraso no desenvolvimento neuropsicomotor e protocolos que avaliam o brincar como ocupação.



No item 4.2.1 apresentaremos, de forma breve, os instrumentos apresentados nos textos referentes a utilização do brincar como ferramenta de avaliação do desenvolvimento neuropsicomotor e no item 4.2.2, os instrumentos que avaliaram o brincar como ocupação.

5.2.1- Instrumentos de avaliação de desenvolvimento

5.2.1.1 - Escala de Desenvolvimento Motor: A Escala de Desenvolvimento Motor de Rosa Neto (2002) que compreende um conjunto de provas diversificadas e de dificuldade graduada, conduzindo a uma exploração minuciosa de diferentes setores do desenvolvimento, como motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial, organização temporal e lateralidade. Sua aplicação em um sujeito permite avaliar seu nível de desenvolvimento psicomotor, considerando êxitos e fracassos, levando em conta as normas estabelecidas pelo instrumento.

5.2.1.2 - Portage: O Inventário Portage Operacionalizado tem intervenção com famílias (WILLIAMS; AIELLO, 2001). Este instrumento se configura como um guia para avaliação e intervenção com famílias de crianças de zero a seis anos de idade, permitindo identificar o repertório da criança em cinco áreas de desenvolvimento (desenvolvimento motor, cognição, linguagem, socialização e autocuidado) e fornece instruções e orientações aos pais e cuidadores acerca das demandas e características identificadas. Sua estrutura contempla 580 itens de comportamento relacionados às áreas de interesse, distribuídos em faixas etárias: estimulação infantil específica para bebês; até 1 ano de idade; de 1 a 2 anos; de 3 a 4 anos; de 4 a 5 anos; e de 5 a 6 anos.

5.2.1.3 - Medida Canadense de Desempenho Ocupacional: A COPM, instrumento criado por Law et al. (1990), traduzido para o português do Brasil por Silvia Gonçalves (1999) e validado em 2009 por Lívia Magalhães, Lilian Magalhães e Ana Cardoso. É uma entrevista semiestruturada, utilizada por terapeutas ocupacionais, centrada no sujeito, a fim de ajudar o cliente (a partir dos sete anos de idade) ou seu responsável a identificar metas de tratamento e quantificá-las em relação à importância, qualidade do desempenho e grau de satisfação frente suas atividades do cotidiano (Caldas et al., 2011). Mudança de dois ou mais pontos no desempenho e\ou na satisfação, é considerada clinicamente relevante. O instrumento é composto por 5 etapas:

- Identificação de problemas/dificuldades no desempenho ocupacional - o sujeito irá mencionar/caracterizar as atividades do dia a dia que deseja realizar ou necessita realizar diante das três áreas de desempenho listadas: autocuidado (cuidados pessoas, mobilidade funcional e independência fora de casa), produtividade (trabalho, tarefas domésticas e brincar/escola) e lazer (recreação tranquila, recreação ativa e socialização);
- O sujeito deverá classificar o grau de importância numa escala de 1 a 10 (1 = sem nenhuma importância; 10 = extremamente importante) de cada atividade listada no passo anterior;
- O terapeuta ocupacional solicita que o cliente escolha até cinco problemas mais imediatos ou importantes listados na primeira etapa e classifique de 1 a 10 o seu nível de desempenho (1 = incapaz de fazer; 10 = capaz de fazer

extremamente bem) e sua satisfação (1= nada satisfeito; 10= extremamente satisfeito) de cada atividade;

- Reavaliação;
- Computação dos escores de mudança.

5.2.1.4 - Escala de Classificação de Autismo Infantil (Childhood Autism Rating Scale): CARS, instrumento criado por Schopler et al. (1988), traduzido e validado no Brasil por Alexandra Marques Pereira em 2007. É utilizado para identificação de crianças com autismo. Sua relevância consiste em diferenciar o autismo em leve a moderado ou grave. A escala é destinada a todas as crianças com idade superior a 24 meses, considerada de fácil aplicabilidade, composta por 15 itens: relações pessoais, imitação, resposta emocional, uso corporal, uso de objetos, resposta a mudanças, resposta visual, resposta auditiva, resposta e uso do paladar, olfato e tato; medo ou nervosismo, comunicação verbal, comunicação não- verbal, nível de atividade, nível e consistência da resposta intelectual; e impressões gerais, com escores que variam entre 1 (dentro dos limites de normalidade) a 4 (sintomas autistas). A pontuação total vai de 15 a 60 pontos, onde a pontuação entre 30 e 36 pontos considera indicação de autismo leve a moderado, acima de 37 pontos, autismo grave (Pereira, 2007).

5.2.1.5 - O Denver Developmental Screening Test: O Denver II, o qual avalia crianças entre zero a seis anos e está subdividido em quatro domínios: Pessoal-social, Motricidade Fina-Adaptativa, Linguagem e Motricidade Ampla. O teste é composto por 125 itens/tarefas que são administradas a partir da observação do examinador, embora alguns itens possam ser pontuados por declarações dos pais ou cuidadores. Os itens são interpretados como “passou”, “falhou, “sem oportunidade” ou “recusou”. Assim, é atribuída a pontuação

“Normal/adequada”, quando a criança “passa” na tarefa referente ao item;

“Cautela”, quando ela “falha” ou “recusa-se” a realizar uma tarefa cujos 75% a 90% das crianças da mesma idade, da população de referência, já realizava.

Por fim, a pontuação “Atraso” é atribuída, quando a criança “falha” ou “recusase” a realizar uma tarefa na qual 90%das crianças ou mais já realizavam. A interpretação final do teste apresenta os indicadores:

a) Normal/Adequado: quando não houver nenhum item de “atraso” ou, no máximo, um de “cautela”;
b) Questionável: quando houver dois ou mais itens de “cautela” e/ou um de “atraso”;
c) Atraso: quando a criança apresenta dois ou mais itens de “atraso”, o que representa dizer que a criança apresenta suspeita de desvio no desenvolvimento, devendo ser reavaliada ou monitorada;
d) Não testável: se houver marcações de “recusa” em um ou mais itens. A versão do Denver II traduzida e adaptada para o Brasil, aqui utilizada, foi a de Pedromônico, (1999).

5.2.2 – Instrumentos de Avaliação do Brincar como Ocupação

5.2.2.1 - A Avaliação do Comportamento Lúdico: A ACL busca entender a criança a partir de sua forma de brincar. Ferland (2003, p.25) pontua aspectos qualitativos e individualizados de cinco dimensões do comportamento lúdico: interesse geral pelo ambiente humano e sensorial; interesse pelo brincar; capacidades lúdicas para utilizar os objetos e os espaços; atitude lúdica; comunicação de suas necessidades e sentimentos. A ACL oferece recursos úteis para a avaliação de crianças mais severamente comprometidas, o objetivo foi de fazer a tradução para o português e a adaptação para a cultura brasileira dos protocolos de avaliação do Modelo Lúdico (FERLAND, 2003, 2006).

5.2.2.2 - Entrevista Inicial com os Pais: A EIP para crianças com deficiência, que consiste em um roteiro sobre o comportamento lúdico da criança sob na perspectiva dos pais e cuidadores. É constituída por um roteiro de perguntas que permite conhecer os interesses da criança, sua maneira de se comunicar, do que gosta e do que não gosta, como brinca, os brinquedos que são conhecidos por ela, se têm parceiros de brincadeira e quais suas preferências. Os principais tópicos abordados na EIP envolvem conhecer o que atrai a atenção da criança; como ela expressa suas necessidades, seus interesses e seus sentimentos; como acontece a sua comunicação, qual é o seu interesse em comer, de ser tocado pelos sons, entre outros; como brinca

com seus brinquedos em casa, se eles são de materiais diversos, do que gosta de brincar, qual é a sua atividade preferida, seus parceiros, enfim, como ela vivem as brincadeiras em seu cotidiano.

5.2.2.3 - Protocolo de Observação do Brincar: Para registrar as características do brincar foi POB, elaborado por Cordazzo e Cordazzo et al.11, (2006). Este é dividido em três categorias: interação social, brinquedos e atividades. A categoria interação social é dividida em “não interação”, que pode ser “solitária” ou “paralela” e “interação de grupo”. A categoria “brinquedos” é dividida nas subcategorias: cognitivo, social, motor, e “sem brinquedo”. A categoria “atividades” é classificada em tipos de brincadeiras (brincadeira construtiva, faz-de-conta, jogos de regras e brincadeira turbulenta) e não brincadeira (desocupado, observação, exploração, conversação e agressão). Há, também, a categoria “transição”, a qual deve ser registrada quando a criança está mudando de atividade.

Com a diversidade de testes, protocolos e instrumentos de avaliação podemos observar a facilidade para traçarmos o plano terapêutico com os objetivos voltados para os resultados obtidos nos instrumentos. Pensando em ganho de habilidades, estratégias ou ate mesmo a demanda trazida pelos pais e cuidadores. Tendo o brincar como um recurso para chegar há uma finalidade ou o brincar como o objetivo a ser alcançado. A terapia ocupacional poderia criar mais protocolos específicos para avaliação do brincar na área e não, somente, traduzir de outros países, sendo que nossa realidade socioeconômica, cultural e educacional é diferente.

5.3 Brincar e a TO

Como mencionado, os artigos trazem essa concepção de como os terapeutas ocupacionais utilizam do brincar, levantando o questionamento a ser respondido é como fim ou meio?

Reis e Rezende (2007) referem que o brincar é uma das áreas de intervenção da terapia ocupacional, sendo importante considerar o papel de brincante e todos os fatores que influenciam de maneira positiva e/ou negativa no desenvolvimento global do indivíduo.

Sendo o brincar muito usado na prática clínica da terapia ocupacional, no tratamento de crianças com deficiências, considerando-se que é a principal ocupação da infância e transpassa todo o seu cotidiano. Os mesmos devem focar-se nas habilidades e potencialidades da criança por meio da experiência do brincar, e buscar ambientes livres de barreiras sociais, físicas e culturais (ZAGUINI et al., 2011).

De acordo com Ferland (2006), existem duas correntes que tratam da utilização do brincar em terapia ocupacional. A primeira refere-se à utilização da atividade do brincar como um instrumento para despertar o interesse da criança em relação à terapia, podendo também estar associada a um determinado método de tratamento. A segunda retrata o brincar de uma forma mais ampla, na qual a utilização do brincar pelos terapeutas ocupacionais vai além da dimensão da atividade, ou seja, a criatividade e a imaginação fazem parte da terapia, possibilitando à criança uma gama maior de experiências. Os objetivos em longo prazo variam, mas normalmente possuem relação com a qualidade de vida e a autonomia funcional da criança.

Por outro lado, Blanche (2000) considera que o brincar na prática clínica do Terapeuta Ocupacional é utilizado com três ênfases. A primeira utiliza o brincar para motivar a participação da criança na terapia, instigar a criança a interagir com o ambiente e atingir os objetivos de tratamento. A segunda ênfase trata do brincar como um contexto para o desenvolvimento de capacidades adaptativas e, por isso, pretende o desenvolvimento de habilidades específicas e está relacionada a algum método de tratamento. A terceira ênfase utiliza o brincar como fim em si mesmo, buscando a experimentação do prazer, do agir espontâneo e flexível para a criança.

Apesar disso, é a partir da formação profissional, das pesquisas de teorias e métodos, e da experiência no dia a dia que os terapeutas ocupacionais vão criar suas concepções sobre o brincar e modelar suas práticas com crianças, com base nas suas ideologias.

6. CONCLUSÃO

Diante do presente estudo de revisão, a mesma indica que não temos uma só definição do brincar, mas que de forma unanime a importância do brincar na infância é indiscutível. Ao brincar o indivíduo internaliza comportamentos que futuramente vão se originar transformações que serão necessárias para o seu desenvolvimento fazendo assim com que as aprendizagens sejam favorecidas ao longo do crescimento (ROJAS,2007)

O brincar para a Terapia Ocupacional é uma atividade que torna-se fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem da criança pois é através desse que a criança irá se desenvolvendo em diversos aspectos da sua vida. Para Param e Fazio (2002), por meio do brincar as crianças conseguem desenvolver a concepção do mundo e a interação, além disso elas estarão se desenvolvendo, seja em suas habilidades físicas e cognitivas como também sociais pois a brincadeira, o ato do brincar carrega uma série de estímulos que vão propiciar o desenvolvimento da criança (SANTOS; MARQUES; PFEIFER, 2006).

É notório que todos artigos trazem em comum que brincar é fundamental, mesmo com diferentes segmentos e ou finalidades.

Percebemos também o quanto os protocolos e instrumentos específicos em Terapia Ocupacional e o brincar auxilia e facilita nossa atuação clínica. Além de que a forma como o brincar é utilizado em terapia não influencia em sua importância e que cada profissional, em sua singularidade, a partir da necessidade do paciente/cliente, vai adaptar sua pratica.

Há necessidade de aprofundar em pesquisas sobre o brincar em terapia ocupacional em outras concepções e modelos. Ampliação dos tipos de brincar como uso de tecnologias e o quanto é benéfico e maléficos na infância.

REFERENCIAS

AOTA. Estrutura da prática da terapia ocupacional: domínio e processo. Tradução de Alessandra Cavalcanti, Fabiana Caetano Martins Silva e Dutra, Valéria Meirelles Carril Elui. 3ª ed. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, p. 1–49, 2015.

AOTA AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION et al. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo-traduzida. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, p. 1-49, 2015

BRASIL. Presidência da República. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 jul.1990.

BRUNELLO M, MIETO F, SILVA C. Procedimentos de avaliação da qualidade do brincar na prática da terapia ocupacional: um estudo exploratório. **Rev Ter Ocup USP.** 2013; 24(2):95- 102. https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v24i2p95-102

CANA AN ASSOC AT ON O OCCUPAT ONA T RAP STS (CAOT . Practice Paper: Occupational Therap and Children s Pla . **Canadian Journal of Occupational Therapy**, v. 63, n. 2. June, 1996.

CORDAZZO S, WESTPHAL J, TAGLIARI F, VIEIRA M, OLIVEIRA A. Metodologia observacional para o estudo do brincar na escola. **Aval Psicol**. 2008;7(3):427-38. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167704712008000300014&lng=pt.

CORDAZZO S. **Influência do brincar no desempenho motor, cognitivo e social de crianças em idade escolar no Brasil e em Portugal** [Tese]. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina; 2008. Disponível em:http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91645.

CRUZ, D. M. C.; EMMEL, M. L. G. O brinquedo e o brincar na estimulação da função manual de crianças pré-escolares com deficiência física. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar,** São Carlos, v.15, n.1, p. 7- 17, jan./jun. 2007.

EMMEL, M. L. G.; FIGUEIREDO, M. O. **O brincar, o desenvolvimento psicomotor e a aprendizagem.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, 6., 2015, Londrina, Anais.Londrina: ABPEE, 2011. p. 3963-3875. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011/brincar/363-2011.pdf. Acesso em: 15 jan. 2015.

FERLAND, F. **O modelo lúdico: o brincar, a criança com deficiência física e a terapia ocupacional**. 3 ed. São Paulo: Roca, 2006.

FRANKENBURG WK, DODDS J, ARCHER P, SHAPIRO H, BRESNICK B. **DENVER II: training manual**. 2nd ed. Denver, USA: Denver Developmental Materials; 1992.

JOAQUIM, Regina Helena Vitale Torkomian; DA SILVA, Fernanda Rodrigues; LOURENÇO, Gerusa Ferreira. O faz de conta e as brincadeiras como estratégia de intervenção para uma criança com atraso no desenvolvimento infantil/The make-believe and games as an intervention strategy for an infant with delay in child development. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 1, 2018.

LAW, M., BAPTISE, S., CARSWELL, A., MCCOLL M. A., POLATAJKO, H. & POLLOCK, N. (2009). **Medida Canadense de Desempenho Ocupacional** (COPM). Belo Horizonte: Editora UFMG.

ONU - Organização das Nações Unidas. Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU. Disponível em : . Acesso em :16 nov.2008.

PARHAM, L. D., & FAZIO, L. S. (Eds.). (1997). **Play in occupational therapy for children**. St. Louis, MO: Mosby

PEDROMÔNICO MRM, BRAGATTO EL, STROBILUS R. **Teste de triagem de Denver II.** São Paulo: Universidade Federal de São Paulo; 1999.

PEREIRA, A. M. (2007). **Autismo infantil: tradução e validação da CARS (Childhood Autisn Rating Scale para uso no Brasil).** Dissertação de mestrado, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

REIS, N. M. M.; REZENDE, M. B. Adaptações para o brincar. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. **Terapia ocupacional: fundamentação e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 338-343.

ROSA NETO, F. Manual de avaliação motora. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

SANT ANNA, ; ASCOV -ASSIS, SM; MAGALHÃES, LC. Adaptação transcultural dos protocolos de avaliação do Modelo Lúdico. **Rev Ter Ocup Univ USP**. 2008; 19(1): 34-47.

SANT ANNA, . **Tradução e adaptação transcultural dos protocolos de avaliação do Modelo Lúdico para crianças com paralisia cerebral** [Dissertação]. SãoPaulo: Universidade Presbiteriana Meckenzie; 2006.

SILVA, Geniele Severiano; BUFFONE, Flávia Regina Ribeiro Cavalcante. O brincar para a criança com transtorno do espectro autista (TEA): possibilidade de intervenção da terapia ocupacional/Playing child with Autistic Spectrum Disorder (ASD): possibility of occupational therapy intervention. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO**, v. 5, n. 2, p. 188-203.

SILVA, Carla Cilene Baptista; DE PONTES, Fernando Vicente. A utilização do brincar nas práticas de terapeutas ocupacionais da Baixada Santista. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 24, n. 3, p. 226232, 2013.

SILVA, C. C. B. da; PONTES, F. V. de. A utilização do brincar nas práticas de terapeutas ocupacionais da Baixada Santista. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 226-232, 2014. DOI: 10.11606/issn.2238-6149.v24i3p226-232. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/59943. Acesso em: 14 jan. 2022.

TAKATORI, Marisa; BOMTEMPO, Edda; BENETTON, Maria José. O brincar e a criança com deficiência física: a construção inicial de uma história em terapia ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 9, n. 2, 2010.

Winnicott DW. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro:Imago;1975.

ZAGUINI, C. G. S. et al. Avaliação do comportamento lúdico da criança com paralisia cerebral e da percepção de seus cuidadores. **Acta Fisiatrica**, São Paulo, v. 18, n.4, p. 187-191, 2011. http://dx.doi.org/10.5935/01047795.20110004.